

Qualidade na produção e circulação da notícia

Quality in the production and circulation of news

*Sônia Maria Guedes de Medeiros**
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP

Resumo

Este trabalho versa sobre um dos sete conceitos formulados pelo inglês Geoff Mulgan, “Qualidade e Profissionalismo da Produção”, no processo que compreende o contrato específico de comunicação midiática. Utilizando este aporte, analisamos alguns vídeos do YouTube.

Nesse conceito, destacamos “Comentário do Acontecimento”, em que os saberes técnico e intelectual se fazem necessários na produção e circulação da notícia, para enriquecer a interpretação do enunciatário. Porém, em contraponto, observamos no contexto político atual, a deterioração da notícia, em que o comentário do acontecimento não esclarece, mas, fragmenta, confunde e embaralha a lógica da recepção.

Exemplificamos a atuação de jornalistas sobre as Reformas Trabalhista e Previdenciária; esses repetem comentários superficiais e não fazem leitura contextualizada sobre um possível desmantelamento da sociedade e aprofundamento da desigualdade social. Isto, não suscita uma imaginação, mas revela o que é possível acontecer no País. Contudo, o oligopólio da mídia não permite promover, num processo dinâmico, o contexto da recepção. Seguindo regras, a mídia lança mão da agenda *setting* e estabelece hierarquias de assuntos para dizer à audiência o quê e como pensar. Partidária, adota manobras para formar a opinião favorável ao discurso hegemônico e conservador de direita, contrário à resistência. Entre outros autores que contribuem para a discussão estão: Slavoj Žižek, Jean Baudrillard, Muniz Sodré e Krishan Kumar.

Palavras-chave: Qualidade. Produção da notícia. Atividade discursiva

Pesquisadora com doutorado no Programa de Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP.

Abstract

This paper deals with one of the seven concepts formulated by Englishman Geoff Mulgan, "Quality and Professionalism of Production", in the process comprising the specific media communication contract. Using this contribution, we've reviewed some YouTube videos.

In this concept, we highlight "Commentary on the Event", in which the technical and intellectual knowledge is required in the production and circulation of news, to enrich the interpretation of enunciatory. However, in counterpoint, we observe in the current political context, the deterioration of the news in which the commentary of the event does not clarify, but fragments, confuses and shuffles the logic of reception.

We exemplify the work of some journalists on the Labor and Social Security Reforms; these repeated superficial comments and do not form contextualized reading about a possible dismantling of society and deepening of social inequality. This does not raise an imagination, but it reveals what can be happening in the country. However, the media oligopoly doesn't allow a dynamic process, promote the context of reception. Following rules, the media makes use of the agenda *setting* and establishes hierarchies of subjects to tell the audience what and how to think. Partisan, adopts maneuvers to form a favorable opinion to the hegemonic discourse and right-wing conservative, opposed to the resistance. Among other authors who contribute to the discussion are: Slavoj Zizek, Jean Baudrillard, Muniz Sodré and Krishan Kumar.

Keywords: quality. News production. Discursive activity

Este trabalho versa sobre um dos sete conceitos formulados pelo Ph.D. em Telecomunicações, Diretor da Fundação Britânica de Inovação para Ciência, Tecnologia e Artes Geoff Mulgan, "Qualidade e Profissionalismo da Produção", no processo que compreende o contrato específico de comunicação midiática. Utilizando este aporte comentamos, algumas notícias veiculadas no Youtube e em algumas páginas da imprensa de qualidade na internet, dentro do contexto político-social brasileiro.

Para conceituar a Qualidade e Profissionalismo da Produção, Mulgan (1990, p. 8-10) destaca a importância do profissionalismo inscrito numa equipe de produção. Para ele, a qualidade está relacionada com a interatividade e atuação efetiva de profissionais que transmitem e compartilham suas ideias para que a narrativa seja desembaraçada.

Estudando esse conceito, entendemos que a qualidade está em ambos os eixos de verticalização e horizontalização do produto, simultaneamente, ou seja, deve-se buscar o aprofundamento do conteúdo da notícia para que ela possa circular, de forma inteligível, visando alcançar o maior número de pessoas. Para Mulgan (*idem*, p.19), a qualidade se dá, quando a televisão se comunica com a sociedade, compartilhando significados. A qualidade se inscreve, portanto, no trabalho filigranado entre a forma

estética da mensagem, a natureza do que é transmitido e a habilidade interpretativa do receptor. A qualidade deve ser o alvo de um sistema de transmissão que leva em consideração a importância do contrato comunicativo entre enunciador e enunciatário e não apenas em dar vazão ao fluxo de distribuição e circulação do produto.

Em base semiótica, Mulgan propõe que a qualidade do discurso televisual esteja nas relações argumentativas entre o fazer persuasivo do enunciador e o fazer interpretativo do enunciatário. O fazer-saber (lógica cívica), o dar-a-conhecer, o informar significa reunir marcas de um dizer-verdadeiro no discurso enunciado, significa exibir cenas do mundo real para a construção de mecanismos veridictórios; enquanto o fazer-sentir (lógica comercial) quer dizer seduzir (atrair para quantificar a audiência), satisfazer as necessidades (oferecer prazer para vender), enfim, exibir cenas do mundo ficcional. Ambos os fazeres ou propósitos, embora contraditórios, fazem parte da construção do discurso pelo destinador-manipulador, fazem parte da finalidade do contrato de comunicação midiática.

Qualidade na televisão é saber não apenas relatar (saber técnico), mas, comentar o acontecimento (saber intelectual), pois, segundo Charaudeau (2003:214), “comentar o mundo parece corresponder a essa atividade discursiva complementar do relato que consiste em exercer as faculdades de discussão para analisar o porquê e o como dos seres que se encontram no mundo e dos feitos que se produzem nele”.

A mídia estabelece hierarquias de assuntos para dizer à audiência o que e como pensar. Trata-se, pois, de manobra para formar opinião favorável ao discurso de direita, ao discurso conservador, ao discurso hegemônico, contrário, portanto, à resistência. O discurso ideológico da mídia “... estrutura antecipadamente nossa percepção da realidade e a torna indiscernível de sua imagem ‘esteticizada’” (Zizek, 1996:21).

Conforme Charaudeau (ibidem), “o relato propõe uma visão do mundo da ordem da constatação (...). O comentário argumentado propõe uma visão do mundo da ordem explicativa”. Comentar não “se limita a mostrar ou imaginar o que tem sido (...), senão trata de revelar o que não se vê, o que está latente e constitui o motor (causas, motivos e intenções) da aparição de acontecimentos no mundo (...)”.

O que é comentar o acontecimento? Segundo Charaudeau (idem: 215), a oposição entre “descrição de feitos/comentários de feitos” se resolve numa complementaridade que encontra sua razão de ser numa das finalidades do contrato: o propósito informativo de ‘fazer saber’ que requer credibilidade para sua realização. O fazer saber vem acompanhado necessariamente de fazer crer: o comentário é uma atividade estreitamente ligada à descrição do acontecimento. Informar significa garantir a veracidade das informações que são transmitidas. Conforme Semprini (1995:131), a racionalidade, a objetividade, a qualidade mesma de um produto são, frequentemente, o resultado de um intercâmbio discursivo, de uma estratégia semiótica.

A televisão manobra o olhar do espectador para ela própria ou para o imaginário dos valores hegemônicos, mas, jamais para o Outro. Como diz Grossberg (apud Connor, 1993:139) “... a rede de TV não pretende representar o mundo, mas a si mesma, às suas próprias formas e linguagens, num puro presente performático”.

Sfez (1991:109) diz que o espectador é sempre apenas um elemento que recebe as ondas luminosas que toma pela própria realidade. “(...) Cada um no seu espaço, isto é, na sua casa, julga entrar em contato simultâneo, imediato, com todos os outros, num grande todo síncrono, ecossistêmico”. A notícia televisual não desenvolve a capacidade de mobilização da audiência, não fomenta a problematização e reflexão, não estimula o discernimento do público, não promove práticas que motive o olhar para o discurso de esquerda, mas, tão-somente e, necessariamente, para as práticas do discurso hegemônico. Enfim, as notícias, uma vez fragmentadas, não facilitam um trabalho de conscientização política da sociedade. A mídia e seus jornalistas, engajados na ideologia da direita e extrema-direita, legitimam a violência simbólica, além de omitirem comentários de acontecimentos com profundo sentido político-social e negam a esquerda como agente e sujeito de transformação social do país.

Quando o comentário do acontecimento não satisfaz à recepção, quando a mídia manobra e estabelece hierarquia de assuntos para favorecer o discurso hegemônico, quando não há credibilidade na informação e quando não se verifica a informação como estratégia semiótica, abre-se uma fenda no contrato de comunicação midiática, fazendo com que a recepção reaja e migre para outros espaços que lhe ofereça novos signos como base para outras interpretações.

Por isso, selecionamos algumas páginas da imprensa de qualidade na internet como: TV 247, TVT Seu Jornal, Viomundo, BBC Brasil, Deverdeclasse e The Intercept no intuito de fazer fluir as informações para compreendermos o contexto da situação político-social do Brasil.

TV 247

O conceito de Qualidade e Profissionalismo traz, no seu bojo, a importância do argumento no comentário do acontecimento. Os saberes técnico e intelectual se fazem necessários na produção e circulação da notícia, para enriquecer a interpretação do enunciatário. Porém, em contraponto, observamos no contexto político atual, a deterioração da notícia, em que o comentário do acontecimento não esclarece, mas, fragmenta, confunde e embaralha a lógica da recepção. Para explicar esse ponto de vista, trazemos o entrevistado da TV 247, Igor Fuser, Professor de Relações Internacionais da Universidade Federal do ABC-SP, em 07.08.2017: “Como buscar informações confiáveis sobre o que se passa no país”? O Professor responde que:

A cobertura da mídia comercial é desonesta. É uma cobertura que se diferencia do dia-a-dia do noticiário internacional. Este, não é neutro. Ele atende a certos interesses, ele se presta a uma construção ideológica, uma construção de entendimento dos fatos de cada um dos temas da agenda internacional. Porém, existem alguns momentos de Campanha. Quando a mídia entra em Campanha com um objetivo, aí, qualquer compromisso com a verdade é jogado na lata do lixo. Ela vai dar somente as informações que se prestam àqueles objetivos da Campanha. Toda informação que destoia daquilo que eles pretendem, é eliminada; e, a informação que é dada, é manipulada, completamente. Inclusive, algo que não existe com muita frequência, no dia-a-dia da imprensa de qualidade, que é a mentira, então, esta, passa a fazer parte da rotina. Estou falando, não de picaretas da internet, mas da imprensa chamada de qualidade.

Nesses últimos meses, a recepção brasileira vem sendo bombardeada e tencionada por estratégias midiáticas, entendidas como banalização dos acontecimentos

da governança do país e espetacularização da mídia enquanto oligopólio. Tais estratégias, desnudadas de um respaldo populacional, mas irrompidas por um golpe de estado, estão mudando a vida político-social do país. Retiraram a força um governo constituído por um partido popular, eleito, democraticamente, com 54 milhões de votos e ocuparam o Palácio com um governo impopular e autoritário, ou seja, uma farsa que ambiciona poder. Vejamos a confirmação do Professor Igor Fuser na entrevista:

O Brasil usa o golpe com a Presidenta legítima que foi tirada do governo de uma forma ilegítima com pretexto ridículo. E mais do que isso, aquele que é o favorito nas pesquisas para ser o próximo presidente nas eleições de 2018 se eles deixarem, ele está sendo perseguido, injustamente, e a um passo de ser inabilitado a se candidatar.

Aprofundando o diálogo sobre o imperialismo, disse o Professor Igor, que:

Os Estados Unidos não aceitam, a princípio, a soberania de nenhum país do mundo. Na prática, eles são obrigados a aceitar, a contragosto, a soberania da China, por exemplo; mas, se eles puderem fazer alguma coisa para mudar o regime, eles fazem como fizeram para pressionar a União Soviética. Os Estados Unidos têm um projeto de dominação imperial, de dominação global. O Sistema da Política Externa dos Estados Unidos é assim. Na América Latina, essa postura imperial, é muito mais intensa. É a lógica do quintal. É a doutrina Mouro. Essa lógica foi desafiada a partir de 1999-2000, mais ou menos quando todo um conjunto de países adotou governos progressistas, outros de esquerda, outros de Centro-esquerda. O Brasil entrou para os BRICS, além do MERCOSUL, G-20, G-15 entre outros blocos político-econômicos internacionais, quebrando um pouco esse esquema de subordinação da América Latina aos Estados Unidos.

Ainda na TV 247, vamos compreender sobre o pacto da elite paulistana para que possamos desconstruir os castelos difundidos pela mídia. Ouvimos então, o jornalista Paulo Moreira Leite, entrevistando o sociólogo Jessé Souza, Presidente do IPEA entre 2015 e 2016 e Professor da Universidade Federal do ABC, que avalia, num tripé determinante: como funciona o sistema político entre nós, como é legitimada a desigualdade entre nós, como entregamos as nossas riquezas aos estrangeiros.

Isso tudo não é automático, mas, é um dado da cultura, algo feito pelos seres humanos, ideias montadas por uma elite em São Paulo, elite poderosa que manda no país inteiro, no século 20, que constituiu uma ideia de Brasil que não existia antes de 1930, quando essa elite paulistana, perde o Estado para Getúlio Vargas, e por isso, procura dominar a esfera pública. A inspiração da Revolução Industrial de 1930 é um movimento de classe média, chamada Tenentismo, tinha a ver com os militares, também com pessoas do Estado e o apoio de uma classe média nascente. Estava nascendo, nessa época, duas grandes classes que se montam no capitalismo industrial: classe dos trabalhadores e uma classe média (não significa renda média) que vai fazer a função de supervisão dos trabalhadores e a legitimação dessa dominação. E isso quem faz é a classe média. Classe média do privilégio! Qual é o privilégio no capitalismo? O privilégio no capitalismo tem duas formas: ou você se apropria, privilegiadamente, do capital econômico, ou seja, propriedades, e isso é uma pequena elite que mantém, e a outra classe que vai se apropriar do conhecimento. O conhecimento no capitalismo é tão importante quanto o capital econômico, seja para a produção, seja para o valorizado que faz com que você seja economista, administrador, advogado, e organizar os negócios dessa elite ou você vai ser professor universitário ou jornalista e vai legitimar esse sistema dessa elite.

TVT – Seu jornal

Fala-se sobre a força da mídia que, não por acaso, é considerada o quarto poder. Os meios de comunicação podem ditar e uma grande massa da população irá se posicionar diante dos fatos. Aparelhos de rádio e tv estão presentes em quase todas as casas brasileiras e as manchetes dos jornais são usadas como publicidade para formar opiniões. Você acompanha, agora, no “Seu

Jornal”, a análise de especialistas em Comunicação que alertam que a hegemonia da Comunicação brasileira foi responsável por validar o processo de impeachment da presidente eleita Dilma Rousseff. Acompanhem na Reportagem de Vanessa Nagazato.

Vanessa - Sem a manipulação da mídia, o impeachment da presidenta Dilma Rousseff não teria acontecido. Este professor de jornalismo da USP, Lalo Leal Filho, não tem qualquer dúvida.

Lalo – se nós tivéssemos uma mídia absolutamente equilibrada ou se nós tivéssemos veículos de televisão, de rádio, revistas e jornais com capacidade de mostrar o Brasil, uma outra realidade diferente dessa, que é mostrada por esses jornais dominados por esses grupos econômicos, nós teríamos uma população muito melhor informada...

Vanessa - Segundo o coordenador geral do Centro de Estudos da Mídia Alternativa Barão de Itararé, a grande imprensa se transformou num poderoso partido político de oposição ao fazer ataques diários ao governo.

Altamiro - A burguesia brasileira, a elite brasileira enquanto estava em crescimento econômico, ela não gostava do Lula, não gostava da Dilma, mas ela estava ganhando dinheiro. Quando deu crise econômica, ela falou: “êpa! agora tira”. Porque se não tirar, continua redistribuindo renda. E o conflito distributivo “eu vou perder”.

Vanessa – e a população que via e ouvia as mesmas manchetes em todos os veículos acabava tomando versão como verdade.

Lalo - Há capas de revista aqui no Brasil que são transformadas em outdoor nas ruas. São cartazes de ruas que são colocados nas bancas de jornal, nos pontos de ônibus como propaganda da revista, quando na verdade, aquela capa é um panfleto político.

Altamiro - afirma que o golpe vinha sendo trabalhado pela grande mídia desde que o ex-presidente Lula foi eleito em 2002. Segundo ele, os empresários da imprensa nunca toleraram um governo popular.

Como essa mídia privada ela não pode falar diretamente contra Programas Sociais, contra a valorização do salário mínimo porque isso pegaria muito mal, ela sempre tem que inventar um subterfúgio. Então, essa mídia que tem uma história mais podre do que pau de galinheiro, o subterfúgio dela é sempre a questão da corrupção. O caixa 2, no caso de partidos de esquerda, no caso do PT, sempre foi tratado como propina, mensalão. O caixa 2 do PSDB, é caixa 2. A mídia fez um tratamento seletivo, já, na Operação Lava Jato.

Vanessa – nas manifestações pró e contra impeachment, dizem os especialistas, a manipulação era mais que evidente.

Lalo – As fotos estampadas nas capas dos jornais, no dia seguinte às manifestações de direita e as manifestações de apoio ao governo da Presidenta Dilma. São fotos absolutamente irreais do ponto de vista do que elas deveriam refletir do que eram os acontecimentos.

Vanessa – De acordo com Altamiro Borges, a manipulação escancarada da mídia brasileira fez com que veículos da imprensa internacional mandassem mais correspondentes ao país por não confiarem na cobertura do Brasil.

Altamiro - Se você quisesse entender o que estava ocorrendo no país, era melhor você ler o “The Guardian`s” do Reino Unido, ou você ler o “Le Monde” da França, você ler o “O Público” de Portugal, você ler “El País” da Espanha.

Lalo – Enquanto não houver uma mídia capaz de fazer o contraponto à essa mídia conservadora, o Brasil não pode ser considerado uma democracia.

Ambos os professores Lalo e Altamiro, nessa entrevista supracitada, corroboram que a Rede Globo, juntamente com toda a grande mídia que a ela está submetida na consecução da pauta de assuntos, como um todo, foi a responsável pela bagunça institucional, pelo desmantelamento entre os poderes, pela crise político-econômica oriunda da farsa e da mentira midiaticamente engendradas e jogadas, irresponsavelmente, para a sociedade.

Viomundo

Intelectuais denunciam golpe ao mundo, destacando papel da mídia brasileira – 07.04.2016 - Carta Aberta à Comunidade Acadêmica Internacional:

Nós, pesquisadores e professores universitários brasileiros, dirigimo-nos à comunidade acadêmica internacional para denunciar um grave processo de ruptura da legalidade, atualmente, em curso no Brasil. Depois de um longo histórico de golpes e de uma violenta ditadura militar, o país tem vivido, até hoje, seu mais longo período de estabilidade democrática – sob a égide da Constituição de 1988, que consagrou um extenso rol de direitos individuais e sociais. Apesar de importantes avanços sociais nos últimos anos, o Brasil permanece um país profundamente desigual, com um sistema político marcado por um elevado nível de clientelismo e de corrupção. A influência de grandes empresas nas eleições, por meio do financiamento privado de campanhas, provocou sucessivos escândalos de corrupção que vêm atingindo toda a classe política. O combate à corrupção tornou-se um clamor nacional. Órgãos de controle do Estado têm respondido a esta exigência e, nos últimos anos, as ações anticorrupção se intensificaram, atingindo a elite política e grandes empresas. No entanto, há uma instrumentalização política desse discurso para desestabilização de um governo democraticamente eleito, de modo a aprofundar a grave crise econômica e política atravessada pelo país. Um dos epicentros que instrumentaliza e desestabiliza o governo vem de setores de um poder que deveria zelar pela integridade política e legal do país. A chamada “Operação Lava Jato”, dirigida pelo juiz de primeira instância Sérgio Moro, que há dois anos centraliza as principais investigações contra a corrupção, tem sido maculada pelo uso constante e injustificado de medidas que a legislação brasileira estabelece como excepcionais, tais como a prisão preventiva de acusados e a condução coercitiva de testemunhas. As prisões arbitrárias são abertamente justificadas como forma de pressionar os acusados e deles obter delações contra supostos cúmplices. Há um vazamento permanente e seletivo de informações dos processos para os meios de comunicação. Existem indícios de que operações policiais são combinadas com veículos de imprensa, a fim de ampliar a exposição de seus alvos. Até a Presidenta da República foi alvo de escuta telefônica ilegal. Trechos das escutas telefônicas, tanto legais quanto ilegais, foram apresentados à mídia para divulgação pública, ainda que tratassem apenas de assuntos pessoais sem qualquer relevância para a investigação, com o intuito exclusivo de constranger determinadas personalidades políticas. As denúncias que emergem contra líderes dos partidos de oposição têm sido em grande medida desprezadas nas investigações e silenciadas nos veículos hegemônicos de mídia. Por outro lado, embora não pese qualquer denúncia contra a Presidenta Dilma Rousseff, a “Operação Lava Jato” tem sido usada para respaldar a tentativa de impeachment em curso na Câmara dos Deputados – que é conduzida pelo deputado Eduardo Cunha, presidente da Câmara dos Deputados e oposicionista, acusado de corrupção e investigado pelo Conselho de Ética dessa mesma casa legislativa. Quando a forma de proceder das autoridades públicas esbarra nos direitos fundamentais dos cidadãos, atropelando regras liberais básicas de presunção de inocência, isonomia jurídica, devido processo legal, direito ao contraditório e à ampla defesa, é preciso ter cautela. A tentação de fins nobres é forte o suficiente para justificar atropelos procedimentais e aí é que reside um enorme perigo. O juiz Sérgio Moro já não possui a isenção e a imparcialidade necessárias para continuar responsável pelas investigações em curso. O combate à corrupção precisa ser feito dentro dos estritos limites da legalidade, com respeito aos direitos fundamentais dos acusados. O risco da ruptura da legalidade, por uma associação entre

setores do Poder Judiciário e de meios de comunicação historicamente alinhados com a oligarquia política brasileira, em particular, a Rede Globo de Televisão – apoiadora e principal veículo de sustentação da ditadura militar (1964-1985) -, pode comprometer a democracia brasileira, levando a uma situação de polarização e de embates sem precedentes (...).

Sobre a Rede Globo, fazemos uma reflexão e perguntamos, como pode:

no seu monopólio virtual da informação, manter uma sociedade imbecilizada e conscientemente desinformada, subjugar os poderes da democracia representativa, cooptar o aparelho judiciário-policia do Estado e ajudar no aprofundamento de uma crise sistêmica, sem perder a concessão pública? (Souza, 2017:212). Começamos a responder, dizendo que ela é dependente de seus anunciantes além de participar do mesmo esquema elitista dominante do saque e da rapina do trabalho coletivo. (...) em uma sociedade com pouca leitura e pouca reflexão, a dominação simbólica mais violenta encontrou terreno fértil para se desenvolver (idem: 213-4). É a grande mídia que assegura e aprofunda a dominação da elite dos proprietários sobre o restante da população. Substitui-se a violência física, como elemento principal da dominação social, pela violência simbólica, mais sutil, porém, não menos cruel. O começo do império da Globo foi construído à sombra da Ditadura Militar, ela passa a servir como porta-voz dos interesses do governo militar. Modernidade capenga certamente, posto que retirava da esfera pública sua característica principal e decisiva: a pluralidade dos argumentos em disputa. É isso que se perde com sua colonização pelo dinheiro: a capacidade de reflexão e aprendizado de todo um povo. Nossa esfera pública tardia já nasce sob o império da manipulação sem jamais ter conhecido outra experiência (idem: 215). A Globo é a roupagem perfeita para um capitalismo selvagem e predatório que chama a si mesmo de emancipador e protetor dos fracos e oprimidos. O mais cruel é que as possibilidades de redenção real são tanto mais impossíveis quanto maior a influência dessa mensagem mistificadora produzida pela emissora. Como no golpe de 2016, a emissora ajudou a impedir a continuidade de um processo de ascensão social dos pobres que era real. O processo de manipulação social caminha sempre no sentido de extrair a riqueza de todos e concentrar o poder nas mãos de poucos – inclusive da família que manda na empresa -, dando a impressão de que se é defensor dos melhores valores da igualdade e da justiça. Mesmo toda a fraude golpista da moralidade seletiva é construída como se a TV fosse mero veículo neutro de informação. Assim, no auge do desmantelamento do Estado, da economia e da democracia brasileira, a Globo mostra uma série de programas especiais que criticam o fascismo de Donald Trump, lá longe nos EUA, como se não estivesse acontecendo algo muito pior aqui com a própria Globo no centro do esquema de legitimação. A Rede Globo opera como uma TV falsamente pública, da Ditadura até hoje, sem qualquer mudança (idem: 217). A Globo e a operação Lava Jato, no entanto, são os agentes principais dessa verdadeira regressão civilizacional que sacode o país deixado em frangalhos, econômica, política e moralmente, pela ação combinada desses agentes (idem:223).

BBC Brasil

Entrevista em 18.08.2017, com o ex-prefeito de São Paulo Fernando Haddad.

BBC Brasil – O PT não deveria pedir desculpas, reconhecer os erros e expulsar os envolvidos em corrupção?

Haddad – o problema todo é de natureza política, num sentido muito preciso. Se não houvesse seletividade dos vazamentos, seletividade do tratamento... Não vi nenhum tucano ser conduzido coercitivamente a lugar nenhum. Tucano preso parece que o Ibama proíbe. Não tem nenhum. Nem julgado. Tem processo se arrastando há 20 anos, que não se julga. Então, nesse contexto, torna-se mais difícil você conseguir que as partes façam as autocríticas cabíveis e

promovam uma virada de página porque tudo virou briga de facção no Brasil. Se estivéssemos numa normalidade institucional esses gestos seriam mais frequentes.

BBC Brasil – O eleitor não merece?

Haddad – Eu acho que o ano de 2017 é muito mais favorável a esse tipo de gesto do que 2016, porque em 2016 nós vivemos uma situação de fraude no ponto de vista da informação. Represaram as informações contra o PSDB e contra o PMDB. Todo mundo sabia que elas existiam e não vinham a público. Isso causou um desequilíbrio e é muito difícil você cobrar de quem quer que seja.

BBC Brasil – E não tem esse contexto agora?

Haddad – Está sendo construído e tem gente contra essa construção. Tem gente querendo impedir que ela aconteça. Então, vamos pegar alguns casos. O mesmo Senado tratou Delcídio de um jeito e Aécio de outro. Não estou dizendo qual é o certo. Estou dizendo que são duas coisas completamente diferentes. A mesma Câmara tratou Dilma de um jeito e Temer de outro. Completamente diferente. É um desequilíbrio muito grande em tudo. Isso vai impedindo avanços quando você nota esse desequilíbrio.

BBC Brasil – Os jovens são a principal força da direita no Brasil? Temos o MBL o Vem Pra Rua, mas não vemos nenhuma grande militância de esquerda.

Haddad – O Vamos! Tem muito jovem.

BBC Brasil – Mas não tem esse poder de mobilização do Vem Pra Rua e MBL...

Haddad – A direita tem dinheiro, não tem mobilização. A atuação nas redes sociais da direita é com dinheiro. E muito dinheiro, inclusive dinheiro de fora do Brasil. Tem financiamento externo nessa atuação em rede desses movimentos sociais. Isso declaradamente. Nem eles negam isso. Tem petrolíferas americanas, tem tudo. Suiu uma boa reportagem no The Intercept sobre isso, mostrando como o dinheiro dos *tycoons* americanos está circulando na América Latina, patrocinando ONGs, institutos, movimentos espontâneos.

BBC Brasil – Há fundos patrocinando movimentos de esquerda também, fundações de partidos de esquerda alemães...

Haddad – Tem? Ótimo.

BBC Brasil – Em artigo na (revista) Piauí o senhor disse que os protestos de 2013 tinham como pano de fundo uma movimentação patrocinada em redes sociais e que o Putin e o Erdogan teriam avisado o Lula e a Dilma sobre isso. O senhor acha que os protestos de 2013 foram manipulados?

Haddad – É um pouco mais complexo que isso. O que eu disse e repito é que o MPL (Movimento Passe Livre) tem uma forma de organizar protestos e de dialogar com a institucionalidade de partidos e governos que foi, em minha opinião, raptada por grupos que tinham outros objetivos. E que usaram aquela forma para fazer valer os seus pontos de vista. O MPL estava defendendo uma tese dele. Só que a forma escolhida, para defender a tese dele, favoreceu grupos que queriam minar as bases institucionais da democracia que, a meu ver, levaram ao impeachment.

BBC Brasil – O senhor não acredita que esse discurso de neoliberalismo, privatizações, porte de armas não é mais atrativo para os jovens hoje que distribuição de renda e programas sociais?

Haddad – Pode acontecer porque quando existe uma crise sistêmica, em geral as pessoas ficam muito mais conservadoras. Isso tem vários precedentes históricos. Quando tem uma crise sistêmica, a tendência das pessoas não é a superação positiva. É uma reação conservadora. Um

instinto de proteção meio atávico. As pessoas vão buscando proteção pelo supremacismo branco americano, volta da Ku Klux Klan, essas coisas.

Deverdeclasse – Uma falácia

O deverdeclasse, de 22.08.2017, trouxe uma entrevista do ministro Henrique Meirelles à Folha de São Paulo, dizendo este, que “o povo rejeita `posição populista` e quer mais proteção para os ricos”. Trata-se de uma fala que desrespeita o trabalhador porque ela é disfórica em relação a este. A notícia é falsa porque não representa o trabalhador. A imprensa, ao fazer circular tal notícia, proveniente de um ministro, reforça o autoritarismo. Na verdade, ele reveste sua fala de poder, dizendo que os trabalhadores rejeitam Lula, aceitem perder direitos trabalhistas com a consequência das reformas e votem num governo que dê proteção aos ricos, em detrimento dos pobres. Meirelles está cotado para representar os golpistas, em 2018.

Agência Brasil

Notícia de 09.08.2017 – A banalização da notícia

Título da Notícia: Raquel Dodge, sucessora de Rodrigo Janot na Procuradoria-Geral da República (PGR), se reuniu com o presidente Michel Temer (PMDB) na terça-feira à noite.

Para situar a notícia: “Dodge se encontrou com Temer às 22h de terça-feira, mesmo dia em que a defesa do presidente pediu ao STF a suspeição de Janot das investigações que envolvem o peemedebista”.

A banalização da notícia está evidenciada na fala do advogado Antonio Claudio Mariz de Oliveira, quando alega que a PGR investiga Temer por “motivação pessoal”, e que “já se tornou público e notório” que ele tem “extrapolado em muito os seus limites constitucionais e legais inerentes ao cargo que ocupa”.

Ofensiva de Temer - A Operação abafa: Temer montou uma ofensiva contra Janot por conta das novas denúncias que a PGR prepara contra o presidente, desta vez por organização criminosa e obstrução à justiça — caso elas sejam feitas, precisarão passar pelo crivo da Câmara. Na semana passada, os deputados rejeitaram dar prosseguimento à primeira acusação formal pelo crime de corrupção passiva. Após a decisão, Mendes afirmou que “o arquivamento da denúncia contra Temer trazia estabilidade para o país”.

O escárnio

Em entrevista à Rádio Gaúcha disse o ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Gilmar Mendes, elevando as críticas ao PGR, nos primeiros dias de agosto, afirmando que Janot é “o procurador mais desqualificado que já passou pela história da procuradoria”. “Ele não tem condições. Na verdade, ele não tem preparo jurídico nem emocional para dirigir um órgão dessa importância”. Mendes desqualifica o Janot porque este acatou denúncia de Temer que o submeteu à votação.

The Intercept Brasil

Think Tanks – organizações para o desmonte de governos de esquerda

Entendemos que é um direito do público e uma liberdade fundamental de cada ser humano, esperar da mídia, um conjunto de conteúdos informativos que garanta a

compreensão, a análise e a crítica da realidade que estamos vivendo no país, pois não somos simples consumidores. Buscar a verdade e informar com credibilidade é o dever do jornalista. Mas, percebe-se que a mídia fala para ela mesma e os outros três poderes; vê-se o espectro do tautismo. Trabalhando com a fragmentação da notícia, ela omite, do público, informações relevantes que ajudam na interpretação do processo político-social que ora estamos envolvidos. Assim, cabe à recepção buscar matérias, reportagens e fontes bibliográficas, o que, agora, o fazemos com a edição *The Intercept Brasil*, em 15.08.2017, Brasil de Fato, que mostra o poder dos *Think Tanks* (TTs) – organizações que estão por trás da guinada da direita na América Latina, ou seja, como os libertários (ideologia política em que um Estado exerce um mínimo de funções) americanos estão reinventando a política latino-americana com interesses neoliberais. Lembramos que estes interesses perpetraram o Brasil de 1990, com a privatização de várias empresas do Estado. _

Alejandro A. Chafuen, argentino-americano, analista político, atualmente com Ph.D em Economia, escritor e atual presidente da Atlas Network (TTs), dedicou-se a combater os movimentos sociais e governos de esquerda das Américas do Sul e Central, substituindo-os por uma versão pró-empresariado do libertarianismo.

Em reunião internacional de ativistas libertários, patrocinada pela Fundação de Pesquisa Econômica Atlas, organização sem fins lucrativos, conhecida como Atlas Network (Rede Atlas), disse o dirigente Chafuen que, nos últimos 10 anos, os governos de esquerda usaram “dinheiro para comprar votos, para redistribuir”. Mas, a recente queda do preço das *commodities* (o Brasil produz e exporta *commodities* agrícolas e minerais), aliada à escândalos de corrupção, proporcionou uma oportunidade de ação para os grupos da Atlas Network. “Surgiu uma abertura – uma crise – e uma demanda por mudanças, e nós tínhamos pessoas treinadas para pressionar por certas políticas”, observa Chafuen, parafraseando o economista norte-americano Milton Friedman, um dos idealizadores do neoliberalismo: “No nosso caso, preferimos soluções privadas aos problemas públicos”.

Chafuen cita diversos líderes ligados à Atlas que conseguiram ganhar notoriedade: ministros do governo conservador argentino, senadores bolivianos e líderes do Movimento Brasil Livre (MBL), que ajudaram a derrubar a presidente Dilma Rousseff – um exemplo vivo dos frutos do trabalho da rede Atlas.

Uma guinada à direita está em marcha na política latino-americana, destronando os governos socialistas que foram a marca do continente durante boa parte do século XXI – de Cristina Kirchner, na Argentina, ao defensor da reforma agrária e populista Manuel Zelaya, em Honduras – que implementaram políticas a favor dos pobres, nacionalizaram empresas e desafiaram a hegemonia dos EUA no continente.

A história da Atlas Network, rede libertária, conseguiu alterar o poder político em diversos países, é considerada uma extensão tácita da política externa dos EUA, pois, suas ideias neoliberais começaram a se tornar hegemônicas, ultrapassando a esfera estritamente econômica e se enraizando no tecido social de vários países. Embora análises recentes tenham revelado o papel de poderosos bilionários conservadores – como os irmãos Koch, magnatas do petróleo e financiadores da extrema-direita nos EUA – no desenvolvimento de uma versão pró-empresariado do libertarianismo, a Atlas Network que também é financiada pelas fundações Koch, tem usado métodos criados no mundo desenvolvido, reproduzindo-os em países em desenvolvimento. A conexão internacional, conforme Página Viomundo, passa pelos “meninos do golpe” no Brasil, ou seja, “Estudantes pela Liberdade” (EPL), financiados pelos Irmãos Koch corporação petroleira norte-americana que ataca direitos indígenas e depreda ambientes.

A rede é extensa, contando atualmente com parcerias de 450 TTs engajados na “batalha de ideias” em prol da diminuição do papel do Estado na economia, em todo o mundo. Atualmente, é possível dizer que no Brasil há 82 organizações, no México 60, na Argentina 137. O TT mais importante da América Latina e o 18º mais importante do mundo é o brasileiro Fundação Getúlio Vargas; o Instituto Fernando Henrique Cardoso ocupa a 11ª posição. A Atlas afirma ter gasto mais de US\$ 5 milhões com seus parceiros, apenas em 2016.

Ao longo dos anos, a Atlas e suas fundações caritativas associadas realizaram centenas de doações para TTs conservadores e defensores do livre mercado na América Latina, inclusive a rede que apoiou o Movimento Brasil Livre (MBL) e organizações que participaram da ofensiva libertária na Argentina, como a Fundação Pensar, um TT da Atlas que se incorporou ao partido criado por Maurício Macri, um homem de negócios e atual presidente do país.

A Atlas Network conta com dezenas de TTs na América Latina, inclusive grupos extremamente ativos no apoio às forças de oposição na Venezuela e, também, ao candidato de centro-direita às eleições presidenciais chilenas, Sebastián Piñera.

Em nenhum outro lugar a estratégia da Atlas foi tão bem sintetizada quanto na recém-formada rede brasileira de TTs de defesa do livre mercado. Os novos Institutos trabalham juntos para fomentar o descontentamento com as políticas socialistas; alguns criam centros acadêmicos enquanto outros treinam ativistas e travam uma guerra constante contra as ideias de esquerda na mídia brasileira.

O esforço para direcionar a raiva da população contra a esquerda rendeu frutos para a direita brasileira no ano passado. Os jovens ativistas do MBL – muitos deles treinados em organização política nos EUA – lideraram um movimento de massa para canalizar o descontentamento popular com um grande escândalo de corrupção para desestabilizar Dilma Rousseff, presidente de centro-esquerda. O escândalo, investigado por uma operação batizada de Lava-Jato, continua tendo desdobramentos, envolvendo líderes de todos os grandes partidos políticos brasileiros, inclusive à direita e centro-direita. Mas o MBL soube usar muito bem as redes sociais para direcionar a maior parte da revolta contra Dilma, exigindo o seu afastamento e o fim das políticas de bem-estar social implementadas pelo Partido dos Trabalhadores (PT).

A revolta – comparada ao movimento Partido do Chá, criado em 2009, nos Estados Unidos, devido ao apoio tácito dos conglomerados industriais locais e a uma nova rede de atores midiáticos de extrema-direita e tendências conspiratórias – conseguiu interromper 13 anos de dominação do PT ao afastar Dilma do cargo por meio de um impeachment que culminou em 31.08.2016.

O cenário político do qual surgiu o MBL é uma novidade no Brasil. Havia no máximo três TTs libertários em atividade no país, dez anos atrás, segundo Hélio Beltrão, um ex-executivo de um fundo de investimentos de alto risco que agora dirige o Instituto Mises, uma organização sem fins lucrativos que recebeu o nome do filósofo libertário Ludwig Von Mises. Ele diz que, com o apoio da Atlas, agora existem 30 institutos agindo e colaborando entre si no Brasil, como o Estudante Pela liberdade – EPL e o MBL.

Fazendo uma comparação, “é como um time de futebol; a defesa é a academia, e os políticos são os atacantes. E já marcamos alguns gols”, diz Beltrão, referindo-se ao impeachment de Dilma. O meio de campo seria “o pessoal da cultura”, aqueles que formam a opinião pública.

Beltrão explica que a rede de TTs está pressionando pela privatização dos Correios, descrita como “uma fruta pronta para ser colhida” e que pode conduzir a uma onda de reformas mais abrangentes em favor do livre mercado. Muitos partidos conservadores brasileiros acolheram os ativistas libertários quando estes demonstraram que eram capazes de mobilizar centenas de milhares de pessoas nos protestos contra Dilma, mas ainda não adotaram as teorias da “economia do lado da oferta”.

Fernando Schüler, acadêmico e colunista associado ao Instituto Millenium – outro TT da Atlas no

Brasil – diz: “O Brasil tem 17 mil sindicatos pagos com dinheiro público. Um dia de salário por ano vai para os sindicatos, que são completamente controlados pela esquerda”. A única maneira de reverter à tendência socialista seria superá-la no jogo de manobras políticas. “Com a tecnologia, as pessoas poderiam participar diretamente, organizando – no WhatsApp, Facebook e YouTube – uma espécie de manifestação pública de baixo custo”, acrescenta, descrevendo a forma de mobilização de protestos dos libertários contra políticos de esquerda.

Os organizadores das manifestações anti-Dilma produziram uma torrente diária de vídeos no YouTube para ridicularizar o governo do PT e criaram um placar interativo para incentivar os cidadãos a pressionarem seus deputados por votos de apoio ao impeachment.

Schüler notou que, embora o MBL fosse apoiado por associações industriais locais, o sucesso do movimento e dos organizadores das manifestações se devia, parcialmente, à sua não identificação com partidos políticos tradicionais, em sua maioria vistos com maus olhos pela população. Schüler argumenta que a única maneira de reformar, radicalmente, a sociedade - e reverter o apoio popular ao Estado de bem-estar social - é travar uma guerra cultural permanente para confrontar os intelectuais e a mídia de esquerda. Temos um Estado muito paternalista. É incrível. Há muito controle estatal, e mudar isso é um desafio de longo prazo, diz Schüler, acrescentando que, apesar das vitórias recentes, os libertários ainda têm um longo caminho pela frente no Brasil. Ele gostaria de copiar o modelo de Margaret Thatcher, que se apoiava em uma rede de TTs libertários para implementar reformas impopulares. “O sistema previdenciário é absurdo, e eu privatizaria toda a educação”, diz Schüler, pondo-se a recitar toda a ladainha de mudanças que faria na sociedade, do corte do financiamento a sindicatos ao fim do voto obrigatório. Mas, a única maneira de tornar tudo isso possível, segundo ele, seria a formação de uma rede politicamente engajada de organizações sem fins lucrativos para defender os objetivos libertários. Para Schüler, o modelo atual – uma constelação de TTs em Washington sustentada por vultosas doações – seria o único caminho para o Brasil.

E é exatamente isso que a Atlas tem se esforçado para fazer. Ela oferece subvenções a novos TTs e cursos sobre gestão política e relações públicas, patrocina eventos de networking no mundo todo e, nos últimos anos, tem estimulado libertários a tentar influenciar a opinião pública por meio das redes sociais e vídeos online.

Um dos fundadores do Instituto Millenium, o blogueiro Rodrigo Constantino, polariza a política brasileira com uma retórica ultra sectária. Já foi chamado de “o Breitbart brasileiro” (referência a Andrew Breitbart, escritor e ativista conservador norte-americano) devido a suas teorias conspiratórias e seus comentários de teor radicalmente direitistas, é presidente do conselho deliberativo de outro TT da Atlas – o Instituto Liberal. Ele enxerga uma tentativa velada de minar a democracia em cada movimento da esquerda brasileira, do uso da cor vermelha na logomarca da Copa do Mundo à Bolsa Família, um programa de transferência de renda. Constantino é considerado o responsável pela popularização de uma narrativa, segundo a qual os defensores do PT seriam uma “esquerda caviar”, ricos hipócritas que abraçam o socialismo para se sentirem moralmente superiores, mas que na realidade desprezam as classes trabalhadoras que afirmam representar.

Comentários

Concluindo, dizemos não querer polarizar, mas, discordamos, veementemente, da falaciosa narrativa popularizada pelo TT, de que eles são uma “esquerda caviar”, pois, esta expressão desqualifica pessoas. O PT trabalha com uma ideologia em que todos devem participar para buscar a igualdade social. A compreensão é de não contribuir para que o pobre aceite sua pobreza e legitime a riqueza de outrem, muito menos promover apologia à pobreza. Eles reivindicam, sim, “a distribuição de riqueza e o

direito à abundância, que é gerada tanto pelo trabalho coletivo quanto pela própria natureza” (Rosana Pinheiro-Machado – Carta-Capital).

Assim, damo-nos a conhecer uma nova ordem política na América Latina, agindo com audácia, autopromovendo-se na esteira da meritocracia. Trata-se de pessoas jovens e grupos que estão em ação, expandindo ideias políticas no mundo, a partir de uma ordem universal sem limites, de discursos com expressões dogmáticas, de ânimo inequívoco para serem entendidos à altura do Santo Graal do mundo político. Por exemplo, a reportagem nos diz que a *Heritage Foundation* é reconhecida como um dos TT de direita mais influentes dentro e fora dos Estados Unidos, ocupando a 17ª posição do ranking dos 150 mais importantes do mundo, conforme apontado pela Universidade da Pensilvânia, em que sua missão é formular e promover políticas públicas conservadoras baseadas nos princípios da livre empresa, do Estado mínimo, da liberdade individual, dos valores tradicionais norte-americanos e de uma forte defesa nacional. Para atingir tal objetivo, sua equipe direciona as estratégias de *marketing* para um público-alvo composto por membros do Congresso, equipes parlamentares, formuladores de políticas públicas no Poder Executivo, mídia nacional e comunidades acadêmicas. Enfim, um verdadeiro arsenal de pelotões em riste, fazendo patrulhamento ideológico em escolas.

Observamos que os TTs se preocupam com a não identificação com partidos políticos, mas, ambicionam exterminar com os partidos de esquerda. Há incoerência. Eles não aceitam que o governo atue com base na ideologia, mas, apenas, na pragmática. A falácia de sua comunicação se traduz em raiva e ódio, o que podemos confirmar, durante a comemoração do Movimento Passe Livre “na Avenida Paulista, quando foram batidos e ensanguentados por pessoas vestidas com a bandeira do Brasil e que diziam: ‘meu partido é o meu país’” (Marilena Chauí, *OutrasPalavras*, 16.12.2015).

Quanto a esse Movimento, podemos interrogar: depois que ajudou a derrubar a presidente Dilma, numa vil e ignomínia espetacularização da mídia, na Câmara, qual é a visibilidade do MBL? Não percebe a questionável legitimidade e a fragilidade do governo interino, envolvido numa suposta trama de corrupção? Perdeu de vista os valores relativos às concessões, ao perdão de dívidas a grupos de pressão para manter o Presidente no cargo? Quanto fisiologismo clássico do PMDB! Não detectou no discurso do governo, um processo falaz e duvidoso como tática de informação? E o plano de privatização do país, elaborado enquanto oportunismo por excelência, não é estarrecedor? Agora, enquanto todas essas estratégias acontecem, o MBL silencia? Por que a crítica se deu apenas no governo Dilma? Ao que parece, a ‘batalha das ideias’ (TTs) não foi ganha?

Ora, sabe-se que ao final da década de 1990, a economia não havia crescido, conforme o esperado. A exemplo do Brasil, apesar da redução dos níveis de inflação com a implantação do Real, permaneceram os índices de desemprego, pobreza e desigualdade social com as medidas de cunho neoliberal. Por isso, atemorizados com tal governança, a partir dos anos 2000, o eleitorado latino-americano começou a votar, majoritariamente, em candidatos socialistas, populistas, cujos visionários entendem “o trabalho como prática de autogestão social da economia, ou seja, um compromisso dos indivíduos com a sociedade como um todo” (Marilena Chauí, em escritos analfabetos). Por exemplo: o militar Hugo Chávez Frías, 1999-2013 e Nicolás Maduro, em 2013, na

Venezuela; o ex-sindicalista do Partido dos Trabalhadores, Luiz Inácio Lula da Silva, 2003-2011 e Dilma Rousseff, 2011-2016, no Brasil; a do político do Partido Justicialista, Néstor Kirchner, 2003-2007 e sua filha Cristina Kirchner, 2007-2015 na Argentina. E assim foram os governos progressistas latino-americanos que se instalaram na base das crises de governabilidade dos regimes neoliberais.

A partir da metade dos anos 2000, conforme The Intercept, outras organizações foram criadas, fazendo que as redes nacionais de TTs se adensassem. “Um caso notório foi o do Brasil, onde surgiram, ao final do primeiro mandato do governo Lula, várias novas organizações: Instituto Millenium, Instituto Ordem Livre, Movimento Brasil Livre etc., que se conectaram com as redes regionais e internacionais”. Em 2014, logo após a reeleição de Dilma Rousseff, candidatos do PSDB/DEM, derrotados na campanha política, inconformados, prometeram ‘sangrar’ o governo, o que, agora, estão fazendo, também, com o país. Além das organizações supracitadas, juntaram-se a elas o Movimento Vem pra Rua e os Revoltados Online, os quais começaram a campanha pelo afastamento, em 2015, com grandes mobilizações. Com o aprofundamento da crise econômica, os conglomerados econômico-financeiros, inclusive a mídia e os partidos conservadores fecharam em favor do impeachment.

Agora, estamos com o modelo de governo neoliberal: diminuição do Estado, enriquecimento desses conglomerados e, em consequência, um irreparável desequilíbrio social. Esse plano dos TTs, em expandir suas organizações na América Latina, para eliminar governo de esquerda, dirigente popular, líder socialista e, em troca, fazer vencer eleições candidatos que priorizam a venda do país - precisa ser denunciado.

Donald Trump e seu entusiasmo com as organizações Think Tanks

Na mesma edição do The Intercepte, a jornalista Danielle Mackey ilustra o ânimo de Chafuen com a eleição de Donald Trump para a presidência dos EUA. É só elogio para a equipe do presidente. O que não é surpresa, pois o governo Trump tem amigos e membros de grupos ligados à Atlas: Sebastian Gorka, o islamofóbico assessor de contraterrorismo de Trump, dirigiu um TT patrocinado pela Atlas na Hungria; O vice-presidente Mike Pence compareceu a um encontro da Atlas e teceu elogios ao grupo; A secretária de Educação Betsy DeVos trabalhou com Chafuen no Acton Institute. Um TT de Michigan que usa argumentos religiosos a favor das políticas libertárias – e que agora tem uma entidade subsidiária no Brasil: o Centro Interdisciplinar de Ética e Economia Personalista.

A jornalista Danielle comenta que, depois da vitória de Trump, Judy Shelton, economista e companheira da Atlas Network, foi nomeada presidente da NED – Fundação Nacional para a Democracia. Ela havia sido assessora de Trump durante a campanha e o período de transição. Chafuen fica radiante e comemora. Ao final da entrevista, ele sugere que ainda vem mais por aí: mais TTs, mais tentativas de derrubar governos de esquerda, e mais pessoas ligadas à Atlas nos cargos mais altos de governos ao redor do mundo. “É um trabalho contínuo”. Para posicionar os TTs em relação às decisões do governo americano, a jornalista diz que elas dependem de um leque de posições de uma complexa rede de instituições. Elas são influenciadas de forma decisiva pelas grandes empresas capitalistas e compreendem, entre outras, os “think tanks”, o intrincado complexo dos organismos de segurança, o Congresso, além da cúpula do partido Republicano.

Trump é um oportunista que recorreu em defesa de “empregos americanos” como forma de atrair o eleitor da classe trabalhadora, em especial de regiões industriais que tem sofrido com a saída de

empresas para o México e para a China. Segundo Patrick, Trump ameaçou a GM com uma elevação de impostos para carros fabricados no México, e fez o mesmo com a Apple em relação aos equipamentos fabricados na Ásia. O acordo que ele propunha para o eleitor da classe trabalhadora era muito simples: “Deixe-nos (o 1% mais ricos) enriquecer ainda mais cortando impostos para os milionários, cortando gastos e liberalizando ainda mais as finanças, e, em troca, farei com que as empresas voltem a produzir aqui trazendo de volta os empregos industriais que vocês perderam”.

Comentários

Podemos observar que o governo dos Estados Unidos está dando um salto qualitativo em direção ao perfil bélico, uma vez que, disseminando o ódio, promove guerras imperiais contra a Síria, ofensivas contra a Venezuela, o financiamento do golpe contra o Brasil e, ameaças com armas químicas contra a Coreia do Norte. Tudo isso porque, as elites imperiais exploram, exaustivamente, seus recursos naturais e avançam com cobiça e interesses espúrios nos mercados periféricos para sustentar as taxas de lucro do seu sistema produtivo-financeiro.

Entendemos que o poder dessas corporações transnacionais em crescente expansão, a exemplo dos Think Tanks que, assumindo seus valores de forma científica e pragmática, estão ajudando a definir a ordem imperial global. Essa nova ordem capitalista, que promete a destruição total das experiências socialistas, traz em seu bojo, um potencial subversivo: líderes nômades conectados à Internet. Quando necessário, um deles se apresenta nos centros acadêmicos, mas, com todo um trabalho montado, em pleno funcionamento, por meio das redes sociais.

Ao concluirmos esse texto percebemos a importância do processo da semiose ou interpretação dos signos. Em bases teóricas peirceanas, um signo ou representamem, é tudo aquilo que, sob certo aspecto ou medida, está para alguém em lugar de algo. Dirige-se a alguém, isto é, cria na mente dessa pessoa um signo equivalente ou talvez um signo mais desenvolvido. Chamo este signo que ele cria o interpretante do primeiro signo. O signo está no lugar de algo, seu objeto. Está no lugar desse objeto, porém, não em todos os seus aspectos, mas apenas com referência a uma espécie de ideia (Nöth, 1995:67 apud CP 2.228).

O signo tem a função de um objeto (crise político-social) no processo da semiose (interpretação dos signos). O signo, portanto, tem sua existência na mente do receptor e não no mundo exterior. “Nada é signo se não é interpretado como signo” (Nöth, ibidem:68 apud CP 2.308). A interpretação de um signo é, assim, um processo dinâmico, um efeito cognitivo na mente do receptor. Por isso, a necessidade de um jornalismo verdadeiro, de notícias contextualizadas, de reportagens consubstanciadas para caracterizar a ação inteligente do signo, ou seja, o processo de semiose.

Esse conjunto de informações são signos de mediação entre o objeto (crise político-social) e a mente interpretadora. Esse signo ou representamem (objeto perceptível: crise

política no país, mobilizações sociais, congresso e senado votando o impeachment, notícias segmentadas em circulação, enfim) é o veículo que traz para a mente algo de fora.

Como cada signo cria um interpretante que, por sua vez, é representamem de um novo signo, a semiose resulta numa “série de interpretantes sucessivos”, ad infinitum (Nöth, *ibidem*: 74 – apud CP 2.303, 2.92). Por isso, a necessidade do processo de semiose porque quanto mais interpretantes, maior a possibilidade de conhecer e contextualizar o objeto de investigação. Nesse processo de semiose ilimitada não há nenhum “primeiro” nem um “último” signo. Em forma de diálogo, estamos sempre buscando novos signos que melhor expliquem a história do capitalismo, da globalização, do império. Como “cada pensamento tem de dirigir-se a um outro” (Nöth, *ibidem*: apud CP 5.253) o processo contínuo de semiose (ou pensamento) nunca pode ser finalizado e sempre vai ecoar a indagação inquietante: porquê o Brasil, neste momento, está sendo devastado?

Referências Bibliográficas

YOUTUBE:

TV 247

TVT Seu Jornal

Viomundo

BBC Brasil

Dever de Classe

CHARAUDEAU, Patrick. (2003). Los fundamentos del discurso informativo, In: CHARAUDEAU, Patrick. El discurso de la información. Barcelona: Gedisa.

CONNOR, Steven. (1993). TV, vídeo e filme pós-modernos. In: CONNOR, Steven Cultura Pós-Moderna: introdução às teorias do contemporâneo. São Paulo: Edições Loyola.

MEDEIROS, Sônia Maria Guedes (2008). Qualidade na Televisão. Tese de Doutorado. São Paulo.

MULGAN, Geoff. (1990). Television's Holy Grail: Seven Types of Quality. In: he MULGAN, Geoff. The Question of Quality. Londres: British Film Institute.

NOTH, Winfried. (1995). Panorama da Semiótica --de Platão a Peirce. São Paulo: Annablume.

SFEZ, L. (1994). Crítica da Comunicação. São Paulo: Loyola.



SOUZA, Jessé. (2017). A Elite do Atraso – Da Escravidão à Lava Jato. Rio de Janeiro: Leia.

ZIZEK, Slavoj. (1996). O espectro da Ideologia. In: ZIZEK, Slavoj (org). Um Mapa da Ideologia Rio de Janeiro. Contraponto.